

A IGREJA COMO HOSPITAL ESPIRITUAL

A cura da alma, a restauração da pessoa humana
e a vida sacramental na tradição cristã ortodoxa

CAPÍTULO X

OS OFÍCIOS DE CURA, LIBERTAÇÃO ESPIRITUAL E INTERCESSÃO

1. A oração da Igreja diante do sofrimento

A Igreja não contempla a dor humana de longe. Quando alguém adoece, atravessa uma perda, sofre uma crise familiar ou experimenta profunda aflição, a comunidade cristã é chamada a aproximar-se e a orar. A tradição ortodoxa reúne preces pelos enfermos, súplicas em situações de necessidade, bênçãos e celebrações sacramentais que expressam esta responsabilidade fraterna.

Esses ofícios não funcionam como fórmulas mágicas. A Igreja não controla a graça divina, não comercializa a bênção e não promete resultados que possa garantir. Ela

suplica ao Pai, por Jesus Cristo, no Espírito Santo, acolhendo a vontade de Deus sem abandonar as pessoas à própria sorte.

O ministério da intercessão une a oração pública ao cuidado concreto: escutar, visitar, acompanhar tratamentos, providenciar auxílio material e fazer com que o enfermo permaneça ligado à vida comunitária. Uma liturgia que não se traduz em misericórdia perde sua força de testemunho.

2. Cristo, fundamento de toda oração restauradora

Nos Evangelhos, Jesus aproxima-se dos enfermos, acolhe os aflitos e liberta pessoas de situações de opressão. Seus gestos manifestam a chegada do Reino de Deus e revelam a dignidade daqueles que eram evitados pela sociedade. A cura não constitui um espetáculo para engrandecer o ministro; é sinal da misericórdia do Senhor.

São Lucas narra que Cristo impunha as mãos sobre os enfermos (Lucas 4,40). A comunidade apostólica perseverou na oração, no anúncio do Evangelho e na assistência aos necessitados. São Tiago recomenda que os enfermos chamem os presbíteros para a oração e a unção com óleo (Tiago 5,14–16).

A Igreja não repete os atos de Jesus como se pudesse reproduzir mecanicamente cada acontecimento dos

Evangelhos. Ela vive de sua presença e entrega-lhe, com confiança, os seres humanos concretos, com suas limitações, necessidades e possibilidades de restauração.

3. A intercessão como serviço de toda a comunidade

Interceder é apresentar a Deus a necessidade de outra pessoa. Trata-se de um ato de amor que se opõe à indiferença. A súplica dos fiéis pode abranger enfermos, crianças, idosos, famílias em conflito, pessoas privadas de liberdade, trabalhadores, governantes, vítimas de violência e todos os que necessitam de paz.

A oração comunitária não se restringe a uma lista de pedidos. Ela educa o coração para perceber as necessidades do próximo. Por isso, quando um nome é proclamado ou recordado na igreja, a comunidade assume também a responsabilidade de não esquecer aquela pessoa depois da celebração.

Os leigos podem e devem rezar pelos enfermos, sem imitar indevidamente atos reservados aos ministros ordenados. A oração dos pais pelos filhos, a visita de um amigo, a leitura dos salmos e a presença silenciosa junto ao doente são formas preciosas de intercessão cristã.

4. As litanias e as súplicas na vida litúrgica

A Divina Liturgia apresenta repetidas petições de paz, proteção, salvação e misericórdia. A grande litania e as demais súplicas ensinam que o povo de Deus comparece diante do Senhor trazendo as necessidades do mundo inteiro. A resposta “Senhor, tende piedade” não é uma expressão de desespero, mas a confissão de nossa confiança na bondade divina.

Os ofícios de Vésperas, Matinas e outras celebrações também conservam intercessões por pessoas e comunidades. Quando se acrescentam nomes ou necessidades particulares, deve-se respeitar a ordem litúrgica, o livro de serviços e a disciplina da Igreja local.

O sacerdote não precisa transformar cada celebração em uma longa exposição de casos pessoais. A dignidade da pessoa enferma e a reserva necessária sobre informações delicadas devem prevalecer sobre a curiosidade dos presentes.

5. O ofício de súplica: o moleben e outras formas tradicionais

Em diversas tradições ortodoxas, celebra-se um moleben, ou ofício de súplica, para pedir auxílio divino em necessidades específicas e agradecer graças recebidas. Há ainda ofícios de ação de graças, cânones e outras formas de oração comunitária. Os nomes e a organização concreta desses serviços variam entre as tradições grega, eslava e outras igrejas locais.

Uma súplica especial pode ser oferecida antes de uma cirurgia, durante uma enfermidade prolongada, diante de uma calamidade ou por uma comunidade atingida por violência. Esses ofícios não são equivalentes à Santa Unção, nem a substituem. Convém distinguir uma bênção, uma oração particular e um mistério sacramental.

A escolha do ofício compete à autoridade pastoral, segundo os livros litúrgicos recebidos. Inventar um ritual e apresentá-lo como tradição antiga, sem identificação de suas fontes, pode causar confusão doutrinária e pastoral.

6. A oração pelos enfermos na celebração eucarística

A Santa Eucaristia ocupa lugar singular: nela, a Igreja celebra a entrega e a vitória pascal de Cristo e participa de sua comunhão. Os enfermos podem ser lembrados nas orações da assembleia e, de acordo com a prática litúrgica da Igreja, na preparação dos Santos Dons.

Inscrever o nome de uma pessoa enferma no livro de intercessões é um gesto de cuidado comunitário. Deve-se fazê-lo com delicadeza, evitando expor diagnósticos, conflitos familiares ou informações íntimas sem autorização. A oração é dirigida a Deus, que conhece a pessoa por inteiro.

O fiel impedido de comparecer à igreja não deve ser esquecido. A visita pastoral, a escuta, a oração e, quando possível e conforme a disciplina sacramental, a comunhão dos Santos Dons mantêm visível sua pertença à comunidade cristã.

7. A Santa Unção: mistério de cura, perdão e esperança

A Santa Unção é uma celebração sacramental própria, com fundamentos em Tiago 5,14–16. Na tradição bizantina, sua forma solene inclui leituras apostólicas e evangélicas, preces e a bênção do óleo. A presença de vários sacerdotes tem valor simbólico e comunitário, embora a prática pastoral possa admitir menor número, conforme as circunstâncias.

A Unção dirige-se aos enfermos e não está reservada exclusivamente aos momentos finais da vida. As orações pedem cura da alma e do corpo, perdão e fortalecimento. A pessoa não deve ser responsabilizada se a recuperação física não acontecer. A celebração não deve ser utilizada para suspender medicamentos ou substituir assistência hospitalar.

Ao apresentar os santos mistérios, é necessário preservar sua integridade: a bênção comum com óleo, por exemplo, não é automaticamente a Santa Unção. O ministro explicará ao fiel o significado da celebração, sem confundir manifestações externas de emoção com a ação da graça.

8. O sentido cristão da libertação espiritual

A Igreja proclama a vitória de Cristo sobre o pecado, a morte e os poderes do mal. A libertação espiritual começa com o anúncio do Evangelho e o encontro com a misericórdia divina. A conversão, o batismo, a vida de oração, a reconciliação, a Eucaristia e a caridade participam dessa caminhada de liberdade.

Por isso, o tema da libertação não deve ser reduzido a um rito extraordinário. A pessoa pode estar presa a hábitos destrutivos, relações abusivas ou estruturas de violência; precisa de proteção, apoio e, muitas vezes, intervenção profissional ou judicial. A oração sustenta esse caminho, mas não substitui medidas concretas.

Não é correto atribuir automaticamente a influência demoníaca toda tristeza, ataque de pânico, episódio psicótico, crise convulsiva ou comportamento incomum. Essa associação pode aumentar o sofrimento, produzir estigma e atrasar tratamentos necessários.

9. As orações exorcísticas e o discernimento da Igreja

Na tradição ortodoxa, existem orações exorcísticas nos ritos que antecedem o batismo, voltadas à renúncia ao mal e à pertença a Cristo. Há também orações especiais conservadas em determinados livros de necessidades. Seu uso não constitui uma prática cotidiana nem um instrumento de demonstração pública de poder.

A Arquidiocese Grega Ortodoxa da América recorda que essas orações têm forma sóbria e que doenças ou sofrimento psicológico não devem ser tomados prontamente como sinais de possessão. A prudência exige avaliação cuidadosa e respeito pela pessoa. Não existem sinais clínicos infalíveis que permitam a um sacerdote diagnosticar “possessão”.

Qualquer oração extraordinária deve respeitar a autoridade e a disciplina da Igreja, contar com discernimento pastoral e evitar coerção, exposição pública, privação de sono, restrições físicas ou abandono de tratamento. O medo nunca deve ser usado para dominar a consciência do fiel.

10. A diferença entre pecado, sofrimento, doença e trauma

As Escrituras ensinam que o mundo está ferido pelo mal, mas não autorizam a conclusão de que cada enfermidade decorra de um pecado pessoal. Em João 9,1–3, Jesus rejeita essa interpretação diante do homem cego desde o nascimento. A vida pastoral precisa guardar essa lição.

Traumas, luto, negligência, violência doméstica, transtornos mentais e condições neurológicas possuem realidades específicas que não podem ser reduzidas a categorias morais. Um sobrevivente de abuso não precisa ser pressionado a reconciliar-se imediatamente com o agressor, nem deve ser colocado novamente em situação de risco.

O sacerdote pode ajudar a pessoa a encontrar sentido, esperança e proteção espiritual, mas não deve pretender substituir o diagnóstico médico, a psicoterapia, o cuidado social ou a atuação das autoridades quando existe violência.

11. A prudência no atendimento de crises emocionais e psiquiátricas

Quando uma pessoa apresenta pensamentos suicidas, ameaças de autolesão, desorientação grave, convulsões, confusão mental súbita ou alterações intensas de comportamento, a prioridade é garantir segurança e avaliação de saúde adequada. Nesses casos, não se deve prolongar a situação com confrontações religiosas ou interrogatórios sobre supostas forças espirituais.

Se houver risco imediato, deve-se acionar os serviços de urgência. No Brasil, o SAMU atende pelo número 192. O sacerdote pode permanecer presente, oferecer uma oração breve e respeitosa e apoiar a família, sem criar obstáculos à assistência profissional.

Ao atender crianças e adolescentes, exige-se proteção reforçada, envolvimento de responsáveis apropriados e encaminhamento conforme as normas de proteção. Sigilo pastoral não significa tolerar abuso ou ocultar situações em que exista dever legal de proteção.

12. O rito não é espetáculo: sobriedade e respeito

O cuidado cristão afasta práticas humilhantes: gritos, acusações públicas, gravações de pessoas em crise, ameaças religiosas, exigências financeiras ou divulgação de histórias íntimas. Nada disso corresponde à dignidade de alguém que procura a Igreja por estar fragilizado.

A bênção sacerdotal deve ser oferecida com consentimento e respeito aos limites pessoais. O toque físico não é obrigatório para que Deus ouça a oração; em pacientes hospitalizados ou pessoas traumatizadas, o ministro deve perguntar o que é adequado e obedecer às normas de segurança e higiene.

O valor de um ofício não aumenta por sua duração, volume de voz ou dramaticidade. Sua autenticidade está na fidelidade ao Evangelho, na oração da Igreja e na misericórdia que acompanha o fiel depois da celebração.

13. O papel do sacerdote e dos demais ministros

Cabe ao sacerdote acolher, ouvir sem pressa, discernir com humildade, celebrar os ofícios para os quais está autorizado e acompanhar a pessoa ao longo do tempo. Ele serve a graça de Cristo; não é proprietário de poderes sobrenaturais nem deve apresentar suas opiniões pessoais como diagnóstico infalível.

O diácono colabora de acordo com seu ministério, sobretudo no serviço litúrgico e na caridade. Leitores, agentes pastorais e fiéis podem visitar, rezar, organizar auxílio fraterno e ajudar no encaminhamento de necessidades práticas, respeitando os limites de sua função.

Casos complexos devem ser apresentados, quando necessário e com respeito à confidencialidade, ao bispo

ou responsável pastoral, e podem exigir colaboração de profissionais de saúde e proteção social. O ministério ganha credibilidade quando conhece seus limites.

14. O acompanhamento do enfermo depois do ofício

Após uma celebração de súplica, o sofrimento não desaparece necessariamente. Por isso, o cuidado pastoral não pode terminar na última oração. É necessário perguntar como a pessoa está vivendo, se precisa de transporte, alimentação, companhia, acompanhamento médico ou apoio à família.

Uma pequena equipe paroquial de visitas pode oferecer ajuda concreta, sempre com preparação, discrição e autorização. A comunidade pode organizar intercessões, visitas hospitalares, auxílio em cuidados paliativos e apoio ao luto, evitando transformar a caridade em publicidade.

A intercessão torna-se mais verdadeira quando se traduz em presença fiel: rezar pelo nome de uma pessoa e depois lembrar-se dela no cotidiano expressa a unidade entre liturgia e vida.

15. Orientações práticas para diferentes situações pastorais

Para alguém que passará por cirurgia, recomenda-se oração de bênção e serenidade, acompanhamento familiar e incentivo à confiança na equipe de saúde. Para o idoso solitário, a visita, a comunhão quando apropriada e a ajuda nas necessidades diárias podem ser tão importantes quanto a súplica pronunciada.

No luto, não se deve afirmar que a perda ocorreu porque a família não rezou o suficiente. A presença silenciosa, os salmos e a oração pelos falecidos ajudam a comunidade a atravessar a dor sem negar a tristeza. No conflito familiar, a Igreja pode favorecer diálogo e reconciliação, mas nunca deve pressionar uma vítima a retornar a um ambiente violento.

Nas enfermidades prolongadas, a oração pode ser repetida sem transformar a ausência de melhora em culpa. O enfermo que deseja silêncio deve ser respeitado. O próprio modo de oferecer a assistência precisa manifestar a delicadeza de Cristo.

16. Educação dos fiéis para a oração responsável

A comunidade precisa compreender o significado dos ofícios. A catequese deve explicar a diferença entre uma oração pessoal, uma bênção sacerdotal, uma celebração de súplica, a Santa Unção e as orações exorcísticas. Essa clareza evita expectativas falsas e protege contra abusos.

Também convém ensinar que milagres não são produtos religiosos e que testemunhos individuais devem ser recebidos com prudência. Relatos de melhora podem motivar gratidão a Deus, mas não justificam promessas universais de cura ou campanhas de captação financeira.

A formação litúrgica desperta uma espiritualidade madura: a confiança não elimina a razão; o fervor não dispensa o discernimento; e a esperança cristã acompanha tanto quem recupera a saúde quanto quem continua enfermo.

17. A dimensão pascal da restauração

No coração dos ofícios está o mistério pascal. Cristo não ignorou a dor humana: atravessou a cruz e manifestou pela Ressurreição a esperança que não termina no túmulo. A Igreja intercede na certeza de que o sofrimento não possui a última palavra, mesmo quando os limites da vida terrena permanecem.

Uma pessoa pode encontrar reconciliação, coragem, perdão e comunhão com Deus sem receber a cura corporal que desejava. Esse fato não diminui sua dignidade nem prova ausência de fé. O horizonte definitivo da Igreja é a vida em Cristo, que sustenta os fiéis em toda circunstância.

Assim, cura, libertação e intercessão não devem ser compreendidas como três técnicas concorrentes, mas como expressões da única solicitude de Deus pela pessoa humana, acolhida e acompanhada na comunhão da Igreja.

18. Conclusão pastoral

Os ofícios de cura e intercessão manifestam uma Igreja que não abandona seus filhos no sofrimento. A oração pelos enfermos, a bênção, os salmos, as litanias e a Santa Unção lembram que cada pessoa é preciosa para Deus e para sua comunidade.

As orações extraordinárias de libertação exigem especial prudência e obediência à disciplina eclesiástica. Confundir toda doença com opressão espiritual, recorrer a práticas dramáticas ou impedir o tratamento de saúde não corresponde ao cuidado que aprendemos de Cristo.

A autenticidade do ministério manifesta-se na humildade de quem ora, no respeito à pessoa vulnerável e na caridade que continua depois do ofício. A Igreja

torna-se verdadeiramente hospital espiritual quando une a Palavra, os sacramentos, a intercessão e o amor fraterno.

ORAÇÃO PELOS ENFERMOS E AFLITOS

Senhor Jesus Cristo, Médico de nossas almas e de nossos corpos, acolhei com misericórdia os que se aproximam de Vós em sua enfermidade, solidão e aflição.

Visitai os enfermos, confortai os que estão tristes, fortalecei os que sentem medo e concedei paz às famílias que acompanham seus entes queridos. Inspirai prudência e compaixão aos sacerdotes, médicos, enfermeiros e a todos os que servem no cuidado da vida.

Livrai-nos do orgulho, da indiferença, da violência e de todo uso indevido de vosso santo Nome. Ensinai-nos a rezar com fé, a agir com responsabilidade e a reconhecer vossa presença nos mais frágeis.

Que a vossa Igreja seja refúgio de esperança, comunidade de verdade e lugar de reconciliação. Pois a Vós pertencem a glória, a honra e a adoração, com o Pai e o Espírito Santo, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

REFERÊNCIAS BÍBLICAS E BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada: Marcos 1,29–34; 6,7–13; Lucas 4,40; João 9,1–3; Atos 2,42–47; Tiago 5,13–16; 1 Tessalonicenses 5,14–18.

Orthodox Church in America. The Orthodox Faith, vol. II, Worship: Holy Unction. https://www.oca.org/index.php/orthodoxy/the-orthodox-faith/worship/the-sacraments/holy-unction

Orthodox Church in America. Common Prayers: For the Sick. https://www.oca.org/orthodoxy/prayers/for-the-sick

Greek Orthodox Archdiocese of America. Holy Unction: Learn. https://prod.goarch.org/web/greek-orthodox-archdiocese-of-america/holyunction-learn

Greek Orthodox Archdiocese of America. Exorcism (texto de orientação teológica e pastoral). https://www.goarch.org/-/exorcism

Nota editorial: este capítulo é uma exposição pastoral original. Não reproduz integralmente orações de livros litúrgicos nem apresenta novos ritos como se fossem textos antigos. A imagem de abertura é uma ilustração inspirada na tradição bizantina, criada para a edição.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo

www.iaoa.com.br